



## A porta para um outro mundo

Bafienta, húmida, fria. Uma sala com paredes altas e grossas, onde caberiam à vontade duas casas, uma em cima da outra. O tecto é como a abóbada de uma antiga capela.

As gretas nas paredes esboroadas fazem lembrar pinturas rupestres, quando observadas durante algum tempo. A luz do dia tem de abrir caminho por entre telhados, deslizar por um estreito pátio até às duas janelas e pôr à mostra o pó que há em cima dos móveis. Móveis antigos e confortáveis que absorvem o frio das paredes: uma secretária preta lacada, uma poltrona bem almofadada, um sofá largo, uma mesa redonda, três cadeiras guarnecidas a latão com assento em couro. Ao lado de um candeeiro de pé amarelo, um fogão de porcelana.

O avô não precisa de muito mais. E Oliver também não.

Não aceitou o quarto triplo com vista para o mar que iria partilhar com os pais em Maiorca. Em lugar disso, aceitou a oferta do avô, que só pode visitar de vez em quando ao fim-de-semana.

— Ofereço-te uma viagem — dissera o avô. — Não tenho dinheiro para ir à América e muito menos ao Alasca... Não posso, portanto, realizar os teus sonhos, mas posso proporcionar-te alguns sonhos diferentes: belas viagens, viagens de sonho até ao fim do mundo. Queres?

Oliver quis.

Meteu logo as suas coisas na mala, apenas algumas, porque precisa de poucas. Não terá nenhum hóspede de hotel a olhá-lo de lado por a sua T-shirt mais parecer uma pega de cozinha. Ninguém que repare nas suas sapatilhas desfiadas, que não condizem com um jantar à luz de velas. Ninguém que lhe diga que está muito frio ou muito calor, por vestir a sua camisola vermelha preferida.

Para o avô, está sempre tudo bem. O mais importante é que o neto tenha saúde e apetite.

Oliver subiu para o autocarro 30A, com a pequena mala na mão, e começou a sua viagem. Do mundo ordenado dos pais para o mundo original do avô. Viagem de uma zona da cidade para outra, seis paragens, sem mudança. Uma viagem que, contudo, o levará muito mais longe do que qualquer avião seria capaz, já que, por detrás do quarto onde o avô mora, há um corredor comprido, muito comprido. Um corredor com despensas, quartos e nichos, que conduz a uma porta de madeira escura com um grande cadeado. Quando Oliver abre essa porta, está na livraria do avô. As mesmas paredes altas da sala, o tecto imponente, uma galeria a que se chega com a ajuda de uma velha escada de madeira. E com plantas semelhantes a uma floresta virgem e centenas de livros, que levam Oliver para longe. Livros que ele pode ler e folhear com o avô, durante a noite, em silêncio, sob a luz morna do candeeiro da secretária.

Às vezes, enquanto folheia os livros já antigos, Oliver levanta os olhos e as figuras dos livros tornam-se vivas e o Batman esconde-se atrás do longo fato, em cima da galeria, e prepara-se para saltar. Ou os piratas, com a mira na ilha do tesouro, espiam pelo seu único olho entre os leques verde-escuro das palmeiras anãs. Então, Oliver agarra com força a mão do avô e este diz:

— Agarra-te bem a mim. Nunca se sabe quem poderá escapar-se dos livros à noite.

Quando as imagens e as histórias cativam Oliver, o cheiro, que envolve tudo como um nevoeiro delicado, também tem a sua função. Aquele cheiro singular dá-lhe a sensação de poder dançar em cima de uma bola de sabão. Um cheiro a musgo e a pedras húmidas. A tabaco doce e madeira velha. E, mais do que tudo, o cheiro do chocolate quente.

Oliver depressa mergulha nesta estranha mistura de distância e proximidade, de aventura e protecção. Das paredes seculares, que por vezes fazem medo, e do avô, que lhe tira esse medo. Aqui, o palpável e o imaginário voam de mãos dadas. Um cristal maravilhoso ao lado de um simples pão com queijo e ervas frescas. O avô tem sempre um pão com queijo e ervas frescas ao lado do chocolate quente. Pães de ervas que sabem melhor do que o menu de cinco pratos num hotel de luxo. Oliver não precisa de tantos pratos. Além de pão com queijo e ervas frescas e de chocolate quente, só gosta de batatas fritas com panados. E, para acabar, um gelado.

Quando à noite se deitam os dois no sofá como sardinhas em lata, um com a cabeça para a parede, o outro com a cabeça para a porta, o avô consegue sentir no dedo grande do pé o medo de Oliver. Sem que este precise de dizer nada, ouve então: *Chega-te mais para mim! Está tudo calmo.* Os pensamentos de Oliver tocam no avô e deixam os fantasmas escapulir-se pelo comprido corredor e rondar a porta dos livros misteriosos. Nesse preciso momento, o avô acende o candeeiro e com um raio de luz mata todos os fantasmas.

O medo faz parte da viagem. É a parte principal. Provoca em Oliver uma magnífica torrente de arrepios, como num comboio-fantasma. O avô sabe a melhor forma de se ter medo. O que fazer para que as paredes altas pareçam ainda mais altas e as sombras escuras ainda mais escuras. Como transformar os ruídos do silêncio da noite em sons de animais. E o avô chega mesmo a assegurar ter ouvido debaixo do sofá o silvar de uma cobra. O silvar da cobra parece ser o chocolate derramado a evaporar-se no disco quente do fogão. Mas Oliver não tem bem a certeza.

Quando sente tanto medo que nem consegue pensar em dormir, o avô leva-o pela mão através do comprido corredor até à loja, do outro lado. Abre a grande porta escura de madeira, acende o candeeiro da secretária e afasta Oliver para longe dos fantasmas e das cobras. Leva-o a ver o mundo em livros maravilhosos, tão grandes como o peito de Oliver: imagens incríveis de rochedos formados pelo vento, correntes de lava torrenciais, profundezas marinhas esverdeadas com seres vivos, a um tempo fantásticos, belos e arrepiantes. Às vezes é já meia-noite, mas não importa. O avô não olha para o relógio. E, depois das profundezas marinhas, mergulham de imediato em Júlio Verne e, a dado momento, abandonam o planeta Terra. A certa altura, quando o bocejar de Oliver se torna

mais do que evidente e os olhos do avô já lacrimejam de tanto ler, ele propõe então que se faça uma aterragem:

— Se quiseres, podemos passar a noite na ilha com o Robinson Crusóé. O seu criado Sexta-Feira vai fazer-te ainda um chá e depois vamos dormir.

— Leite com chocolate! — é o que Oliver pede.

— Está bem, leite com chocolate!

Da prateleira, o avô tira para Oliver *Robinson Crusóé* e para si o Atlas do Mundo, grosso e preto, com letras douradas na capa.

— Tenho a certeza de que vou dormir bem. Com o Atlas a servir de almofada, consigo ouvir o comboio transiberiano a trepidar pela Rússia fora. E tu, Oliver, o que ouves? — e segura-lhe o pesado livro junto da orelha como uma concha gigante.

— Eu ouço os glaciares do Alasca a estalarem!

O avô acena com a cabeça satisfeito.

— Amanhã vamos fazer essa viagem! Alasca ida e volta. Com barco e trenó incluídos.

Apaga o cachimbo e a luz, e volta a fechar à chave a grande porta escura de madeira. Seguem juntos pelo corredor de volta à sala, cada qual com o seu livro debaixo do braço. No sofá, o avô empurra o Atlas por baixo do lençol até à almofada, e põe por cima um cobertor de flanela dobrado em três.

— Dorme bem — diz ainda o avô ao deitar-se ao lado de Oliver para descansar.

Um descanso que não é perturbado logo de manhã cedo. Não há ninguém para acordar Oliver aos abanões logo pela manhã, e lhe diga que o bufete do pequeno-almoço do hotel é só até às dez horas. Ninguém que aponte para uma criança qualquer na piscina e diga a Oliver que vá brincar com ela. Quando acordar tranquilamente pela manhã, o avô terá já tudo pronto: o anoraque com o capuz de pêlo, as botas forradas que foi buscar à cave, as luvas grossas.

— Bem-vindo ao Alasca! — exclamará. — Se tivermos sorte, ainda damos de caras com um urso polar ou uma cabra da neve. Vai estar um frio de rachar. A propósito, há pouco, pela escotilha, vi passar um iceberg gigantesco pertíssimo de nós!

E vão sentar-se juntos em cima do grande volume ilustrado do Alasca, o avô com um vinho quente, Oliver com o seu leite achocolatado. O avô irá falar das águas do rio Letes, da tundra por onde vagueiam lobos esfomeados, de glaciares que se transformam em poderosas cascatas de gelo...

E. Stein-Fischer

Brigitte und Wilhelm Meissel  
*Fernweh*  
Wien, Herder Verlag, 1980  
(Tradução e adaptação)